

# UMA ABORDAGEM SOBRE O CAMPO DA COMUNICAÇÃO E A FOTOGRAFIA COMO UM DE SEUS OBJETOS

## RESUMO

A proposta deste trabalho é pensar a comunicação, suas características e sua inserção no campo das ciências, buscando, por fim, um enfoque comunicacional para o estudo da fotografia e do fotojornalismo. A primeira parte do trabalho apresenta um panorama das modificações paradigmáticas que vêm ocorrendo no interior das ciências e a inserção da comunicação neste contexto. Baseada nesse primeiro momento, a segunda parte do artigo busca delimitar as especificidades do campo da comunicação e toma a fotografia e o fotojornalismo como exemplos para se pensar um objeto de estudo dentro desta área.

Palavras-chave: comunicação, linguagem, fotografia.

## ABSTRACT

This paper consists of an exercise of reflection on communication, its characteristics and its position within the sciences. It also seeks to analyze photography and photojournalism through the lenses of communication. The first part of the paper is an overview of the paradigmatic transformations that have been occurring within the sciences, and the insertion of communication within this changing context. The second part of this article seeks to convey the specificities of the field of communication, and, to this end, it takes photography and photojournalism as examples of how to formulate and define an object of study within this area.

Keywords: communication, language, photography.

## 1. O CAMPO DA COMUNICAÇÃO E A CRISE DOS PARADIGMAS

A comunicação é uma grande área do conhecimento, em constante mudança, que impõe aos seus pesquisadores e estudiosos uma série de desafios. Os estudos desenvolvidos na área passeiam por uma infinidade de objetos (que variam de simples interações cotidianas a grandes produtos midiáticos) e de perspectivas teóricas,

contribuições e questões advindas de outras áreas das ciências humanas, sociais e afins. Todas essas características podem ser atribuídas ao fato de que a comunicação é um campo de estudo recente, em constante mudança, ainda um pouco distante (e carente) de posições epistemológicas mais definitivas.

É justamente a partir dessa "incerteza epistemológica" e das características dela advindas que podemos pensar a comunicação e sua inserção

no contexto paradigmático dentro das ciências. Devido às muitas contribuições de outras áreas do conhecimento e das diversas origens de nossos pesquisadores, existe ainda hoje em nosso campo uma dificuldade em demarcar qual é o nosso lugar específico. Qual é o lugar da comunicação? O que marca a comunicação? Onde se localiza a comunicação dentro das ciências? A comunicação é uma ciência? Certamente não podemos dar respostas

• Frederico de Mello Brandão Tavares  
Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais; professor de Comunicação Social da Universidade FUMEC, da Faculdade Pitágoras e da Faculdade Fabrai, Belo Horizonte - MG; pesquisador colaborador do GRIS - Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG.

absolutas para essas perguntas. Talvez possamos, sim, reconhecer alguns eixos indicadores de regulação e definição do campo que, historicamente, podem apontar nossa posição frente aos grandes debates científicos.

Contudo, antes de realizarmos esse posicionamento, cabe pensarmos brevemente o quadro geral das ciências sociais contemporâneas que, contextualizadas no que muitos chamam de pós-modernidade ou era pós-industrial, vêm passando por um processo de transformações, um processo de transição paradigmática. Nesse quadro está também a comunicação, seus estudos, suas características e singularidades epistemológicas e metodológicas.

### 1.1. Crises e transições paradigmáticas

Vamos partir aqui das reflexões de Boaventura de Sousa Santos (1989) para traçarmos um painel sobre a ciência e a crise paradigmática na pós-modernidade. Segundo o autor, vivemos contemporaneamente, no contexto das ciências, uma crise de paradigmas, uma transição de paradigmas.<sup>1</sup> Transição do paradigma que dominou durante todo o período da modernidade para um novo paradigma, um novo fazer ciência, que se evidencia com a decadência e a superação de muitos dos ideais modernos e de seus preceitos, que configuraram e mantiveram hegemonia no fazer científico durante alguns séculos.

Inicialmente, a proeminência deste modelo de ciência esteve ligada ao domínio das ciências naturais, chegando às ciências sociais emergentes, de forma efetiva e consolidada, somente no século XIX.

Neste momento se configura uma ruptura entre ciência e o senso comum que conforma um paradigma “cuja forma de conhecimento procede da transformação da relação eu/tu em relação ao sujeito/objeto, uma relação feita de distância, estranhamento mútuo e de subordinação total do objeto ao sujeito [...]” (SANTOS, 1989, p. 34). Há na ciência moderna um domínio da natureza pelo homem, uma especialização pela profissionalização do conhecimento, uma relação bem delimitada entre ciência e poder, um discurso que se pretende rigoroso, retórico e muito distante da sociedade.

Toda essa dogmatização da ciência, alicerçada em um profundo etnocentrismo científico, teve seu apogeu, como coloca Santos (1989), no positivismo lógico.<sup>2</sup> E é justamente esse apogeu que marcará o início do declínio deste modelo de fazer científico, denotando um movimento de desdogmatização da ciência que perdurou e amadureceu até os dias de hoje. A concepção de uma ciência pós-moderna, proposta por Santos e advinda de uma crise paradigmática, vem exatamente deste movimento de desdogmatização.

Todavia, para que tal crise ocorra, diz o autor, é necessário um acúmulo de crises no interior do paradigma domi-

nante (no caso, o moderno), além de condições sociais e teóricas, que permitam um resgate dos pensamentos e outras formas de conhecimento, subjugadas pelo paradigma em vigor. A forma de inteligibilidade do real proporcionado pelo modelo vigente é posta em causa assim como seus instrumentos metodológicos e conceituais de acesso. Configura-se aí uma crise de degenerescência,<sup>3</sup> que é, segundo Santos (1989), a crise epistemológica da pós-modernidade, contemporaneamente vivida pelas ciências.

Na pós-modernidade, podemos dizer que assistimos ao declínio dos grandes relatos da ciência moderna, à queda das grandes narrativas, da verdade absoluta e inquestionável. A ciência hoje, em choque com uma série de diferentes valores emergentes, passa a ser questionada formalmente (quanto à sua forma) e funcionalmente (quanto aos seus fins). Ela deve deixar de ser um discurso anormal frente ao cidadão comum, distante da sociedade e que renega outros saberes. E para que isso ocorra, para que se atinja uma nova dimensão paradigmática da ciência, deve haver, segundo Santos (1989), uma nova ruptura epistemológica, uma ruptura que não deixe de lado aquela realizada pela ciência moderna e que parta dela para ocorrer. O autor, dessa forma, propõe a existência da necessidade da realização, pelos cientistas, de uma dupla ruptura epistemológica, que, na verdade, cor-

1. As reflexões de Boaventura de Sousa Santos (1989) estão centradas, principalmente, nas ciências sociais.

2. Sobre o positivismo lógico (e alguns de seus autores) e a mudança de paradigmas na ciência ver também a discussão de Ciro Marcondes Filho (2002).

3. Santos ainda classifica um outro tipo de crise paradigmática, a crise de crescimento. Tal crise, segundo Santos, revela-se “na insatisfação perante métodos ou conceitos básicos até então usados sem qualquer contestação na disciplina, insatisfação que, aliás, decorre da existência, ainda que por vezes pressentida, de alternativas viáveis” (SANTOS, 1989, p. 18).

responde a um movimento hermenêutico, uma compreensão hermenêutica crítica das ciências sociais, traduzida em uma nova reflexão epistemológica.

Esse círculo hermenêutico baseia-se numa reflexão sobre as condições sociais rompimento com o primeiro ato epistemológico da ciência, operando um novo ato epistemológico sobre este, a fim de fundamentar uma nova forma de conhecimento, uma nova relação entre a ciência e o senso comum.

O autor advoga que essa dupla transformação busca a instauração de um senso comum esclarecido e uma ciência prudente. O conhecimento na sociedade se configura numa nova ciência, prática e esclarecida, sábia e socialmente distribuída. A nova relação entre ciência e senso comum se dá pela quebra da hegemonia das ciências modernas, sem perder de vista as expectativas que ela gera. A ciência não é mais a verdade, mas a melhor verdade. Uma ciência que quebra seus preconceitos e que passa a ouvir e respeitar o outro.

## 1.2. A comunicação em busca de um novo modelo

Partindo das reflexões acima apontadas, podemos dizer que, paradigmaticamente, a idéia "moderna" de comunicação como transmissão de mensagens de um emissor para um receptor, provocando determinados efeitos, é aquela que vem dominando (ou dominou) grande parte dos estudos e da concepção de comunica-

ção. Tal modelo, simplista e linear, denominado por muitos como informacional, tem como características a unilateralidade e o distanciamento (rompimento) frente a outras instâncias participantes do processo comunicativo.

O sociólogo francês Louis Quéré (1991), pensando na mudança paradigmática da ciência, propõe dois modelos para se pensar a comunicação, realizando a contraposição entre um e outro. O primeiro modelo é aquele que coincide com o modelo exposto acima e é por ele denominado como representacionista ou epistemológico. Tal modelo acrescenta à idéia de transmissão de mensagens alguns pontos como a intencionalidade do comunicador ao informar um certo conteúdo (toda informação é intencional), a elaboração de representações similares junto ao comunicador e ao seu destinatário, a eficiência da comunicação (comunicação bem-sucedida entre os participantes do ato comunicativo) e o processo de produção e "interpretação de signos, através dos quais os parceiros da interação tornam mutuamente manifestos os fatos, as hipóteses ou os pensamentos que eles querem informar aos outros" (QUÉRÉ, 1991, p. 4). Este modelo epistemológico ou representacionista de definição da comunicação está assentado na idéia do conhecimento como algo objetivado. As representações a que ele se refere são mais fixas, mais fechadas. O mundo é algo fixo, predeterminado, dado.

Este esquema, segundo o autor, tem algumas premis-

as básicas, que terão papel decisivo na constituição dessa concepção informacional de comunicação. A primeira delas é de que a comunicação possui a pretensão de transmissão de conhecimento. O mundo predefinido será apreendido por meio da atividade cognitiva que validará as representações<sup>4</sup> mais adequadas deste mundo. A segunda premissa é de que o sujeito da comunicação é um sujeito epistemológico, sujeito monológico, privilegiado no ato de conhecer, que se relaciona com o mundo através da observação e da objetivação, produzindo, validando, transmitindo e inferindo representações. A terceira premissa diz respeito a uma concepção factual da subjetividade. A nossa subjetividade também seria algo dado; nossos estados de espírito possuiriam uma certa essência. A quarta e última premissa refere-se à aplicação de um esquema dualista à língua.

O mundo sendo predefinido em torno da língua e independentemente de toda atividade lingüística, a língua apenas serve para designar as entidades do mundo e para construir representações adequadas de suas propriedades. Mas, no limite, a língua poderia ser substituída nesta função por outros meios, imagens ou fórmulas matemáticas, por exemplo. Isto vale também para a manifestação de estados intencionais dos sujeitos da comunicação (QUÉRÉ, 1991, p. 5).

A concepção proposta

4. Quéré (1991, p. 4) diz existir "uma separação nítida entre as idéias, os pensamentos, as representações e as descrições, de um lado, e aquilo sobre o que eles evocam, quer dizer, o mundo real, seja interno ou externo, do outro".

por Quéré (1991) esmiúça, portanto, um modelo primeiro de comunicação, o modelo informacional, que influenciou e ainda influencia muitos estudos no campo da comunicação. Uma vez que estamos em um período de transição de paradigmas, devemos adotar essa concepção primeira de definição da comunicação como peça importante para pensar os modelos que vieram posteriormente e que marcam uma certa “crise paradigmática” na área, bem como rupturas, contraposições e indicações de novos caminhos a se trilhar.

Segundo Vera França (2002a), relembrando Boaventura de Sousa Santos (1989), o campo da comunicação, nossa área de saber, vive hoje uma crise de crescimento.<sup>5</sup> Isso porque:

A nossa área está longe de alcançar seu pleno amadurecimento. Estaríamos antes vivendo uma crise [...] de abertura, de exuberância. Também de confusão, superposição, necessidade de auto-reflexão e de questionamento, no sentido tanto de ‘limpar’ o terreno quanto de somar esforços, buscar a convergência – e responder sobre o que somos nós, pesquisadores da área de comunicação (FRANÇA, 2002a, p. 287-288).

Sendo assim, e com base em outras discussões quan-

to aos objetos<sup>6</sup> de estudo da comunicação e seu caráter disciplinar, França (2002b), em um outro estudo, aponta para a necessidade hoje de um paradigma mais consistente e complexo para consolidar a área e os estudos de comunicação. Partindo das diferentes contribuições teóricas que marcam a nossa área, devemos, como ela aponta, buscar a configuração de um olhar comum que privilegie a “realidade comunicativa” como algo móvel, plural, sem contornos definidos; um processo contínuo, do qual não conseguimos estabelecer o princípio e o fim. Devemos buscar uma perspectiva que alcance uma dimensão relacional, em que a comunicação seja lugar de constituição dos sujeitos e de modelagem das práticas cotidianas. Devemos reconhecer o cunho interativo e o caráter simbólico da comunicação, a presença de interlocutores, a relação de interlocução e a relevância da produção discursiva (materialidade simbólica-linguagem) no processo comunicativo.

Louis Quéré (1991) denominará essa perspectiva comunicacional propondo um modelo praxiológico para se pensar a comunicação. Em contraposição ao modelo representacionista – que apresentamos acima –, o autor dá à comunicação um estatuto transcendental, pensando-a como “esquema conceitual para dar conta da atividade e da organização social, das relações e da ordem social”

(1991, p. 1). Em outras palavras, o autor trata a comunicação como “lugar da constituição social dos fenômenos, que a análise social se propõe a descrever e explicar; como meio no qual emergem e se mantêm os objetos e os sujeitos, os indivíduos e as coletividades, o mundo comum e a sociedade” (1991, p. 3). A comunicação é, pois, atividade organizante da objetividade do mundo e da subjetividade dos sujeitos. Os sujeitos são construídos na relação com o outro, no reconhecimento e na diferença.<sup>7</sup> Nesse sentido, a ação comunicativa se dá de forma conjunta, em um mundo onde as representações e a realidade não estão dadas, predefinidas. A comunicação se dá pela instauração de um mundo comum, através das práticas e dos sentidos partilhados pelos sujeitos. A comunicação é ferramenta da chamada “construção social da realidade”. Uma realidade que não está dada e nem é predeterminada.

O cerne da comunicação consiste então, para os agentes, em modelar em conjunto esta perspectiva comum que lhes permite configurar, conjuntamente e de maneira “encarnada”, suas intenções informativas e comunicativas respectivas, e ao mesmo tempo tornar mutuamente manifesto o que é problema entre eles (QUÉRÉ, 1991, p.6).

[...] Não há mais neste modelo o mundo predefinido, seja ele externo ou interno, que se trata-

8. Não entraremos aqui na discussão a respeito de outras características do campo, sua inserção na crise vivida hoje pelas ciências, nos seus dilemas paradigmáticos e outras peculiaridades. Isso já foi feito por nós anteriormente. Pensando apenas no contexto e em algumas abordagens de autores como Rubim, França, Silva, Braga e Lopes (2002), vale relembrar que a comunicação é um campo de estudo recente, marcado diretamente por uma transdisciplinaridade, permeado de contribuições teóricas advindas das mais diversas disciplinas das ciências humanas.

ria de representar adequadamente. É na ação comunicativa, enquanto um processo de “publicização”, que as coisas e seres adquirem sua determinação – para todos os fins práticos – através da construção de relações com um “nós” (QUÉRÉ, 1991, p. 7).

A linguagem também assume novas dimensões neste modelo. Não há mais o dualismo do modelo epistemológico-informacional, onde linguagem e mundo real se constituem como duas ordens independentes. Em vez de uma dimensão representativa, a linguagem assume agora uma dimensão expressiva e constitutiva. A linguagem não é somente mediação da verdade. Compreender a linguagem neste modelo é compreender as atividades sociais das quais ela faz parte, compreender a articulação das práticas, as orientações e as relações dos sujeitos em uma determinada maneira de viver. A linguagem é mecanismo de objetivação da subjetividade. A linguagem encarnada marca a expressão dos sujeitos. A linguagem é “[...] necessariamente parte integrante da construção social da realidade” (QUÉRÉ, 1991, p. 11). É por meio dela que o homem inspeciona, interpreta e elabora o mundo. É a linguagem que permite a produção de sentido e, por este motivo, permite a experiência simbólica do mundo, preenchendo o hiato entre os homens e as coisas. Por meio da linguagem, o homem interage com o mundo, alcançando conhecimento do ambiente que o cerca, de suas especificidades; pela lin-

guagem, o homem demarca sua identidade reconhecendo-se e posicionando-se espacial e temporalmente na relação com o outro.

Realizado esse panorama, devemos lembrar que a abordagem proposta por Quéré (1991) para se pensar a comunicação está direcionada inicialmente para os cientistas sociais. O autor buscou criar um novo modelo de abordagem para a vida social tomando a comunicação como eixo articulador ou fundador. O social, dessa forma, deve ser apreendido pelo viés das instâncias comunicativas que o constituem e nas relações e partilhamentos dos sujeitos. Os fatos particulares da vida social não devem ser estudados isoladamente, mas sim pensados dentro de um amplo processo, permeado e estruturado através de uma dinâmica comunicativa fundante e organizadora. Assim, o modelo praxiológico é um modelo de análise, que não existe em si mesmo. Ele é pensado como paradigmático neste sentido. A abordagem por ele esboçada deixa clara uma nova perspectiva para se pensar e enquadrar o social, um novo caminho para as ciências sociais e, porque não dizer, para os estudos da comunicação.

Uma vez que adotamos uma perspectiva mais abrangente entre a comunicação e o social, e assumimos tal perspectiva como definidora de uma ótica sobre a realidade, atingimos certos padrões de pertinência e de relevância para nossos estudos.

É certo, como aponta José Luiz Braga (2002), que ainda estamos longe de um quadro consensual do que é ou não

pertinente como estudo em comunicação. Tal pertinência dependeria de um grau de legibilidade de nossas pesquisas, que também depende de uma série de fatores práticos e institucionais. Todavia, uma vez que selecionamos um caminho a seguir e, segundo ele, estamos no rumo para isso, nossa área e nossas pesquisas vão assumindo maior legitimidade. Para além disso, como coloca França (2002a), devemos delimitar as temáticas de nossas pesquisas pensando não só cientificamente, mas também socialmente, pensando em uma relevância social, a fim de não só contribuir para o ensino da comunicação e para a formação dos profissionais da área, mas também “para a compreensão dessa realidade com a qual estamos todos comprometidos” (FRANÇA, 2002a, p. 293). E aí nos lembramos das palavras de Boaventura de Sousa Santos (1989 e 2002) sobre uma nova ciência em construção, uma ciência epistemologicamente pragmática.

## 2. DA DEFINIÇÃO DE UM CAMPO: O QUE MARCA A COMUNICAÇÃO É O OLHAR

O fato de o modelo praxiológico ser pensado para uma certa “classe científica” não impede que nós, comunicadores, o tomemos como ferramenta para o nosso olhar. Afinal, o olhar comunicacional que buscamos hoje (assim como o buscam grande parte dos estudos recentes sobre a comunicação) é justamente esse que nos possibilita perceber os fios invisíveis que constroem a realidade e que entende a comunicação como lugar constitutivo da realidade social, que

enxerga o importante papel da comunicação na dinâmica da sociabilidade contemporânea.

Como já dissemos no início deste trabalho, os estudos realizados na área de comunicação indicam uma ampla possibilidade de “olhares” sobre os mais diferentes objetos. Contudo, uma vez que pensamos esses “olhares” e trazemos a discussão para formalização de um campo,<sup>8</sup> no caso o nosso, há uma necessidade definidora, segundo aponta Braga (2001), em delimitarmos aquele que seria “o olhar” da comunicação, o “olhar comunicacional”. Saindo, portanto, do plural (olhares) e buscando uma singularidade (olhar) de um ponto de vista e de construção de um objeto de conhecimento comum, resta-nos, pois, definir o que de singular há então nesse cerceamento; definição essa que será fundamental para indicar e posicionar pertinências e relevâncias dos trabalhos de pesquisa na área.

Buscar essa definição, no entanto, não é algo limitador, nem esvazia a comunicação de particularidades. Mesmo sabendo que toda definição, na verdade, é excludente, uma vez que pensamos a comunicação, em nenhum momento podemos lhe retirar o caráter de fenômeno da realidade. Uma realidade que não deve ser vista como algo unitário. E exatamente aí chegamos em alguma definição de nosso olhar. Diferentemente de algumas abordagens sobre os outros fenômenos sociais realizadas pelas “ciências do homem”, a “realidade comunicativa” deve ser vista como instância ou campo

onde não “existem conteúdos fixos, nem um lugar circunscrito – ela se estabelece no ‘entre’” (FRANÇA, 1997, p. 5). E a compreensão desse processo, dessa dinâmica, deve ser contemplada a partir de uma dimensão relacional, com o objetivo de alcançar a globalidade do “fenômeno comunicacional” e sua inserção no movimento de construção da vida social.

Atualmente, pode-se dizer que a comunicação constitui um corpo de estudos baseado na historicidade e contextualização da sociedade junto aos processos comunicativos. A compreensão da dimensão relacional da comunicação, envolvendo seus componentes materiais, simbólicos, estéticos e sociais, situa os diversos estudos da área na linha de tensão entre as condições histórico-sociais e a lógica própria dos processos comunicativos, o que a diferencia de outras áreas do conhecimento.

Partindo desse contexto e buscando dar maior “concretude” às breves discussões (paradigmáticas, sistematizadoras e definidoras) do campo da comunicação que desenvolvemos até aqui, propomos realizar, a seguir, uma discussão aplicada desse olhar comunicacional, pensando como objeto de estudo possível do campo da comunicação a fotografia e, mais precisamente, o fotojornalismo.<sup>9</sup>

## 2.1. Um olhar comunicacional para a fotografia e o fotojornalismo

São vários os tipos de

materialização da linguagem na vida social. Das diferentes mídias aos acontecimentos da vida social, às práticas cotidianas, a linguagem possui papel determinante na construção e na troca de sentidos entre os homens e o mundo. Sob uma perspectiva relacional, devemos pensar que os fenômenos de sentido não são apenas a atualização de um código, de um regime de signos ou de uma competência (lingüística, pragmática, comunicativa em si), mas, antes, são fundados pelas relações que lhes são anteriores e os constituem. O domínio do sentido é estabelecido a partir da imbricação entre as redes sociais e técnicas, entre o mundo dos signos e dos discursos, e entre as práticas constituintes da experiência do cotidiano e do vivido.

Dentro desse contexto, a linguagem visual, as imagens, merecem papel de destaque. As imagens são uma constante em nossas vidas. Em todos os momentos do dia, elas nos cercam e nos envolvem. Seja nas ruas, em casa, no trabalho, em locais de estudo, nos confrontamos com as mensagens visuais, materializadas nas mais diversas formas e estilos. São elementos comuns no nosso cotidiano.

Os professores Lúcia Santaella e Winfried Nöth (2001) estabelecem que o mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro seria este por nós há pouco referido, o das representações visuais: desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, assim como as imagens cinematográficas,

9. Desde 2001, em companhia do Prof. Dr. Paulo Bernardo Ferreira Vaz, realizo estudos sobre a representação fotográfica na mídia impressa jornalística brasileira. Tais trabalhos vêm sendo desenvolvidos junto ao GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG) e dialogam com as linhas de pesquisa, com as questões temáticas e com as preocupações teóricas que norteiam as atividades do grupo. Para maiores informações ver: [www.fafich.ufmg.br/~gris](http://www.fafich.ufmg.br/~gris).

televisivas, holográficas e infográficas. "Imagens, nesse sentido, são os objetos materiais, signos que representam nosso meio ambiente visual" (SANTAELLA; NÖTH, 2001, p. 15). Já o segundo domínio é o do imaterial, das imagens mentais dos indivíduos. Neste domínio as imagens se configuram como visões, fantasias, imaginações; são as representações mentais. Ambos os domínios da imagem não existem autonomamente. "Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais" (SANTAELLA; NÖTH, 2001, p. 15). Um domínio está intimamente ligado ao outro, suas imagens estão conectadas desde o processo de sua criação. Há, portanto, nessa dinâmica, algo terceiro, comum entre as imagens perceptíveis e as imagens mentais: a idéia de representação.

Santaella e Nöth (2001) aproximam o conceito de representação ao de signo, partindo de uma abordagem baseada na semiótica e na ciência cognitiva, das quais a representação visual e mental são temas. Em uma outra perspectiva, alicerçada na discussão de representação e identidade, Woodward diz que a representação:

Inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são

produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos [...]. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas [...]. Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2000, p. 17).

Em vista dessa potencialidade e circunscrevendo esse amplo universo, pensemos então nas imagens fotográficas jornalísticas, representação impressa do mundo, que diariamente o registra e o modifica, possibilitando aos mais variados sujeitos apreendê-lo e experienciá-lo, visual e mentalmente, objetiva, subjetiva ou intersubjetivamente.<sup>10</sup>

A representação fotográfica traz em si um contexto social. Enquanto elemento de traços semióticos marcantes e, ao mesmo tempo, como imagem produzida a partir de uma bagagem cultural e ideológica, a fotografia é um veículo de transmissão simbólica e de relevante dimensão comunicativa. Ela enquadra uma sociabilidade e, ao mesmo tempo, nos remete à idéia da vivência espaço-tempo dos sujeitos, ao cotidiano.

No jornalismo impresso, a fotografia é talvez a forma de representação visual mais

evidente. O papel por ela desempenhado é de extrema importância; a fotografia não está ali apenas para ilustrar os acontecimentos do dia-a-dia. Sua presença no jornal permite o estabelecimento de uma troca comunicacional e relacional entre os sujeitos e as coisas, provocando um elo entre interpretações e significações, constituindo e elaborando realidades.

A fotografia jornalística realizada pelo repórter fotográfico seleciona narrativamente personagens e fatos sociais como peças-chave da construção da história cotidiana e, em seu caráter social, político e cultural, vai construindo características e demarcando estereótipos sociais. Vale lembrar que a fotografia jornalística é parte de um conjunto de mensagens chamado jornal, cada qual com sua linha editorial, o que reflete diretamente sobre a produção fotográfica. Junto a sua carga cultural, ideológica, política, o fotógrafo é orientado a todo o momento pelo modelo do veículo em que trabalha, pela pauta prevista em uma determinada editoria. A fração da realidade a ser captada por ele<sup>11</sup> possui uma enorme carga semântica intencional, embora o resultado expressivo da fotografia seja muitas vezes espontâneo.

Com base nesse breve panorama sobre as características do fotojornalismo, que nos levam a conceber essa forma de linguagem como manifestação de sentido inscrita em jornais, dotada de uma materialidade

10. Sobre os processos de objetivização, subjetivização e intersubjetivização dos sujeitos e a relação destes processos com a linguagem ver Peter Berger e Thomas Luckmann (2000).

11. O repórter fotográfico, embora observador mais atento do acontecimento, não tem condições de apreender todos os detalhes durante o desenrolar do fato. O fotojornalismo, por ser um instantâneo de uma fração de realidade, reduz, mas não exclui por isso, as possibilidades de conotação a serem transmitidas pelas fotos.

marcadamente simbólica, é que podemos olhar “praxiologicamente” para a fotografia jornalística. Dessa forma, devemos conceber a fotografia como imagem e como linguagem, privilegiando as relações de sentido envolvidas nos contextos de sua produção e recepção, assim como aquelas relações que o código fotográfico instaura. Devemos estar atentos para perceber a capacidade que as fotografias, no caso,

as jornalísticas, possuem em articular, como linguagem (caráter simbólico) e elemento comunicador, uma rede de sentidos que possui como pano de fundo a representação da vida social, diariamente recortada e reelaborada pelo discurso textual e visual jornalístico.

Independentemente da pergunta, do problema a ser proposto sobre o fotojornalismo, aqueles que se aventurarem a estudar a fotogra-

fia dentro da perspectiva comunicacional não devem deixar de conceber a fotografia jornalística como elemento discursivo presente na grande mídia. O fotojornalismo promove e possibilita trocas entre os sujeitos e o mundo, organizando visualmente a experiência, constituindo uma realidade, posicionando os sujeitos frente a eles mesmos e aos outros, ao contexto que os cerca. E isso é comunicação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRAGA, José Luiz. Análises. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio. (Orgs.). *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulinas, 2002, p. 257-270.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da Comunicação. In: FAUSTO NETO, Antônio; PRADO, José Luiz Aidar; PORTO, Sérgio Dayrel. (Orgs.) *Campo da comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001, p. 11-40.

FRANÇA, Vera. Análises. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio. (Orgs.). *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulinas, 2002a, p. 286-293.

———. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? In: MOTA, Luiz Gonzaga et al. (Orgs.). *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Editora da UnB, 2002b, p. 13-29.

———. L.Quéré: dos modelos da comunicação. (Mimeografado). 17 f. 2002c.

———. Reflexões sobre a comunicação: esse estranho objeto. *Geraes – estudos em comunicação e Sociabilidade*, Belo Horizonte, n. 48, p. 2-6, 1997.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio*. São Paulo: Discurso Editorial; Itujui: Editora Unijuí, 2002.

QUÉRÉ, Louis. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. Tradução de Vera Lúcia Westin e Lúcia Lamounier (Mimeografado). 31 f. Original: D'un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique. In: *Réseaux*, n. 46/47. Paris: Tekhné, mar/abril 1991.

RUBIM, Antonio Albino Canelas et al. Análises. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio. (Orgs.). *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulinas, 2002, p. 249-293.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 13 ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

———. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7- 72.